



## Mário de Sá-Carneiro nas publicações periódicas do Modernismo: ‘impressões de guerra’

### *Mário de Sá-Carneiro in the periodicals of Modernism: ‘impressions of war’*

Ricardo Marques

Universidade Nova de Lisboa, Lisboa / Portugal

ricardomfm@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3284-4913>

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar a importância de Mário de Sá-Carneiro nas publicações periódicas do seu tempo. Começando por fazer um voo rasante entre o estado da arte deste tópico e a participação do poeta português em revistas literárias, falaremos, nomeadamente, da sua colaboração, durante a guerra, com *A Restauração e Ilustração Portuguesa*. O primeiro destes dois periódicos tem uma duração efêmera no início da primeira guerra mundial (1914), sendo um diário monárquico que antecede a revista *A Ideia Nacional* (1915-16) também fundada e dirigida por Homem Cristo Filho. É, no entanto, em *Ilustração Portuguesa*, por seu turno, que a sua crónica de guerra parece mais desenvolvida e interessante. Veremos, enfim, como Sá-Carneiro, residente em Paris, assume a descrição do cenário urbano desta nova guerra envolvendo as maiores potências mundiais, e como isso se relaciona com a sua própria obra literária.

**Palavras-chave:** Mário de Sá-Carneiro; Literatura Portuguesa Moderna; Estudos Modernistas; Periódicos; Primeira Guerra Mundial.

**Abstract:** The present work intends to analyze the importance of Mário de Sá-Carneiro to the periodical publications of his time. Starting with a general view crossing between the state of the art on this topic and

the Portuguese poet's participation in literary magazines, we will talk in particular about his collaboration, during the first world war, with the periodicals *A Restauração* and *Ilustração Portuguesa*. The first of these two periodicals had an ephemeral duration at the beginning of the first world war (1914), being a monarchical newspaper that preceded the magazine *A Ideia Nacional* (1915-16) also founded and directed by Homem Cristo Filho. It is, however, in *Ilustração Portuguesa*, on the other hand, that his war chronicle seems more resourceful and interesting. We will thus see how Sá-Carneiro, resident in Paris, assumes the description of the urban scenario of this new war involving the major world powers, and how this relates to his own literary work.

**Keywords:** Mário de Sá-Carneiro; Modern Portuguese Literature; Modernist Studies; Periodicals; First World War.

Seja como autor, seja como editor, a contribuição de Mário de Sá-Carneiro para diversas publicações periódicas do Modernismo português é de extrema importância.

Por um lado, uma pesquisa aturada da sua participação nas mesmas permite equacionar mais detidamente uma certa arqueologia da sua edição, seja em verso, seja em prosa, o que apenas afluiremos. Não falaremos da sua participação em *Orpheu*, uma vez que esse tópico está muito mais estudado e não teríamos tempo para tal num artigo desta dimensão. Afigura-se-nos pertinente, porém, falar das suas impressões sobre a primeira guerra mundial, vividas em primeira mão em Paris, e cristalizadas numa destas publicações periódicas.

Efectivamente, a melhor fonte para começar a estudar a fortuna crítica de Sá-Carneiro continua a ser, talvez por isso, a monografia intitulada *Bibliografia de Mário de Sá-Carneiro*, que foi lançada em 1990 pela Biblioteca Nacional aquando dos cem anos do nascimento do autor de *Confissão de Lúcio*.

Como sabemos, a história da publicação de Mário de Sá-Carneiro dura cerca de 8 anos, começando em 1908, tinha então o jovem autor 18 anos, com quatro poemas-glosa numa publicação intitulada *Azulejos*. São poemas juvenis, muito leves, de quadra e rima cruzada, e por isso, perfeita, onde Sá-Carneiro assina com um pseudónimo, nomeadamente o anagrama do seu apelido: "Sircoanera".

Estes poemas juvenis foram pela primeira vez revelados por António Quadros e François Castex em 1985 e 1986, respectivamente. Maria Aliete Galhoz escreve sobre as mesmas invectivas juvenis num artigo desse mesmo ano de 1990, publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (nº410), a propósito do centenário do nascimento do poeta<sup>1</sup>:

De uma época despreocupada e esperançosa, apesar da ciclotimia do temperamento de Mário de Sá-Carneiro, dispórico (*sic*) com súbitos portes e breves assaltos de euforia, é a sua colaboração em *Azulejos*. *Azulejos* foi um semanário um pouco singular, durando de 1907 a 1909 sério jocoso, um pouco ‘mundano’, sem, contudo, nenhuma crónica mundana. Mantinha uma secção de ‘ciência’ (curiosidades despertando atenção), uma coluna sobre espiritismo científico, ‘charges’, políticas, passatempos, uma novela policiária em folhetins. Como quase passatempo manteve um concurso sob o título “Musa galhofeira”, em que era dado um mote de dois versos e os leitores convidados a enviar as suas glosas, publicavam 5 ou 6 dessas respostas na semana seguinte e seguia novo mote. Sá-Carneiro, então 18 anos, aí respondeu com o anagrama Sircoanera, que já usara também em festas liceais. Não é poesia de maior, bem longe, mas relançamos aqui essas respostas como uma curiosidade: produções definidas no género, fáceis no versejar, entre convencionais e o seu toque de ‘humour’ que Mário de Sá-Carneiro então possuía. (GALHOZ, 1990a, 12)

É um processo comum em jovens escritores e semelhante, curiosamente, ao de António Botto, que nas páginas de *O Cávado*, semanário de Barcelos, durante o fim desta década (1916-17), também faz publicar várias trovas e quadras ao gosto popular sem grande paralelo, seja na forma, seja no conteúdo, ao que mais tarde escreveu.

Esta jovialidade e aparente leveza de Sá-Carneiro são, aliás, características de personalidade que se perdem pouco tempo depois, com o desaparecimento por suicídio de Tomás Cabreira Júnior, em 1911. Não é por acaso que a sua última poesia de juventude seja “Poema a um Suicida”, dedicado ao amigo, de acordo com a edição de Fernando Cabral Martins (*Verso e Prosa*, Assírio e Alvim, 2010).

---

<sup>1</sup> A autora escreve ainda sobre este assunto, nesse mesmo ano, no número duplo da Revista *Colóquio-Letras* dedicado ao centenário do poeta português: “Thanatos, Eros e Ícaro. As leis profundas (já) das primeiras narrativas ficcionais de Mário de Sá-Carneiro (textos de 1908 a 1912)”. Revista *Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 117/118, Set. 1990, p. 47-53.

No ano seguinte, em 1912 ocorre aquele que é o segundo acontecimento biográfico mais importante para Sá-Carneiro: conhece Fernando Pessoa; a sua obra, inevitavelmente, também se modifica com a subsequente correspondência.

\*Como dizíamos a início, Mário de Sá-Carneiro viveu em Paris o eclodir da guerra e dela dá conta ao amigo Pessoa precisamente através desta correspondência. Numa carta de 1 de Agosto de 1914, após uma referência directa aos acontecimentos bélicos da nova Europa, que o leva, indirectamente a outra referência ao título da «nossa revista», *Europa*, que como sabemos depois se chamará *Orpheu*, diz assim Mário de Sá-Carneiro:

Curiosíssima a atmosfera de Paris entre estes acontecimentos. Toda a gente passa na rua, sombria, preocupada: e a mesma compreensão do perigo a todos sobressalta. Há, sinto em verdade - não apenas por literatura - qualquer coisa a mais no ambiente tremulante (devido em “racional” por certo, aos meus nervos de inquietação), o movimento dos veículos parece outro, *mais contínuo* - mais soturno...Enfim, qualquer fluído ondeia na atmosfera além do ar - tenho, em sinceridade, essa impressão. E lembro-me - agora por literatura - que em verdade a força psíquica de toda a gente pensando na mesma coisa - de tanto cérebro com a mesma preocupação profunda, de igual sentido, de iguais inflexões - poderia, deveria presumivelmente criar na atmosfera envolvente qualquer coisa de subtil...Isto seria uma crónica interessante a desenvolver...uma crónica, sabido, laivada de interseccionismo.(SÁ-CARNEIRO, 2015, 253)

Mais à frente, em carta de 6 de Agosto, e perante uma Paris vazia que o esvazia por dentro, Sá-Carneiro confessa ao amigo Pessoa uma ideia que vai na esteira dessa da crónica:

[...] lembrei-me longinquamente de escrever um livro intitulado: *Paris da Guerra* aonde iria anotando as impressões diárias: mas interseccionadamente: falando dos fluídos a que me referi na minha última carta, da tristeza de que lhe falo nesta etc. Compreende? Tenho de resto muitos episódios a tratar assim. Diga que pensa. (SÁ-CARNEIRO, 2015, 256)

“Paris e a Guerra” é curiosamente o nome da entrevista a Sá-Carneiro, publicada a *A Restauração* no significativo dia 5 de Outubro de 1914 (nº78), já o autor de *Dispersão* estava em Lisboa. Que periódico

é este que se intitula *A Restauração*? Com o mote “Rei, Deus e Pátria” bem expresso por baixo do título, é essencialmente um diário monárquico, antecedendo a revista *A Ideia Nacional* (1915-16), igualmente fundada e dirigida por Homem Cristo Filho, e que tivera como chefe de redação Victor Falcão, mais tarde «secretário geral» no periódico posterior. *A Restauração* dura apenas um verão, precisamente o verão em que surge a primeira guerra mundial (junho-outubro 1914).

Num dos últimos números então, surge esta entrevista, onde se começa por enaltecer Sá-Carneiro, figura lida pela *intelligentsia* literária de então, e que “há meses em Paris trabalhava ardentemente nos seus livros”. À primeira questão, o autor responde com o seu estilo grandiloquente e extasiado pelo qual é conhecido, como se depusesse em frente aos olhos do leitor essa mesma impressão de Paris nos dias da mobilização, ao estilo da carta que já lemos.

A primeira nota curiosa em relação a esta intervenção ou entrevista - tal é o formato revelado pelo interlocutor Homem Cristo Filho logo a início - são as várias camadas de discurso. Sá-Carneiro havia chegado a Lisboa, via Toulouse, Barcelona e Madrid, no início de Setembro de 1914, sensivelmente um mês antes desta entrevista, e depois de uma curta estadia de 2 meses na capital parisiense. Sabemo-lo pela sua correspondência, de onde avulta aliás a *petite histoire* do encontro com Guerra Junqueiro no sul de França, também a caminho de Portugal. Aqui o discurso é mais sério e grave, esclarecendo totalmente que é “dever de todos acreditar na vitória da França, mãe espiritual da nossa raça, donde irradia a beleza para o mundo inteiro, a França que não morreu [...]” (SÁ-CARNEIRO, 1914, 1)

**Figura 1: Mário de Sá-Carneiro. “Paris e a guerra: a “Restauração” entrevista o escritor Mario de Sá Carneiro, ha pouco chegado de Paris: as suas impressões sobre “a cidade” nos dias de mobilisação”. *A Restauração*, ano I. n.º78. 5 de Outubro de 1914. p. 1.**



No que diz respeito ao tom de Sá-Carneiro, e mesmo não sabendo qual a forma de transcrição da entrevista empregue pelo entrevistador (na última linha da notícia é apenas dito que após a despedida ele ia escrever as palavras trocadas entre os dois, tirada que parece algo ficcional), parece haver uma relação do tom de Sá-Carneiro em discurso directo com a sua própria poesia, sendo que muitas das suas passagens acordam ecos de poemas. O uso constante de advérbios de modo, muitas vezes em forma tripla e por vezes gradativa - “firmemente, entranhadamente, religiosamente”, desdobrando adjectivos pertinentes no seio da sua poética - “douradamente”, “sangrentamente,” “misteriosamente” são

reveladores que estamos perante o mesmo homem que escreve versos. O emprego de adjectivos imprevistos e onomatopéicos estão igualmente bem patentes (repare-se na frase “Vivemos, nós os de Paris, então, as horas mais zebradas e rangentes de todo o período de guerra”).

O apontamento final sobre quem deve vencer a guerra é revelador da identidade dividida de Sá-Carneiro, entre homem e artista, entre amante da cultura francesa e “homem latino” como recorda ao entrevistador. Vejamos a extensa passagem:

É um dever de cada um de nós acreditar firmemente, entranhadamente, religiosamente na vitória de França, porque será sem dúvida um factor importante para essa mesma vitória a mesma crença fixa, enclavinhada unanimemente em milhões de almas. As nossas energias morais focadas na mesma ideia sugestionam misteriosamente os soldados e são um dos mais importantes contribuintes para a vitória. Mas, deixe-me dizer-lhe, meu amigo, se eu como latino desejo ardentemente o aniquilamento do imperialismo germânico, como artista, como um grande amoroso da França que sou, eu queria que a Alemanha vencesse. [...] então eu poderia dar à minha querida França toda a minha ternura, todas as minhas lágrimas, toda a minha alma; [...] Aquele que procura a beleza, o roxo e crispado, achará a vitória alemã muito mais bela...De resto, o lógico e o natural é a derrota alemã, visto que a Alemanha tem todo o mundo contra ela. Por isso mesmo os meus nervos d’artista sentiriam muito mais douradamente, ainda que sangrentamente, a vitória das águias germânicas... (SÁ-CARNEIRO, 1914, 1)

Seria interessante comparar esta perspectiva com o texto pessoano “A guerra actual é uma guerra entre dois princípios sociológicos”, onde Pessoa contrapõe duas perspectivas sobre esta guerra - a das nações, neste caso a Alemanha, que acreditam que a Pátria é mais importante que a civilização e as nações, as da frente aliada, que acreditam no contrário. Pessoa defende a síntese das duas ideias, naturalmente dizendo no entanto que a Alemanha já teve uma vitória moral na guerra porque “O facto da guerra chamou o patriotismo em todas as nações”<sup>2</sup>. É também

---

<sup>2</sup> Um debate mais extenso sobre Pessoa e a guerra encontramos em José Barreto. “Fernando Pessoa - germanófilo ou aliadófilo? Um debate com João de Barros que não veio a público”. *Pessoa Plural*. nº6. Outono 2014. p. 152-215.

de notar como Sá-Carneiro se aproxima aqui dos poetas futuristas e do seu diapasão estético, mesmo que de forma inconsciente, já que ele ratifica e valida a ideia da guerra ligado à beleza e à arte. Ainda é mais curioso sabendo que um poema como “Manucure” foi escrito, segundo o próprio, não para homenagear o Futurismo, mas para mostrar como era descrente do movimento cunhado por Marinetti. Isto, de resto, pode ser lido nas mesmas cartas com Pessoa onde ridiculariza os futuristas que viu em Paris, nomeadamente na Galeria Sagod.

Ainda no seguimento destas impressões de guerra, existe um pequeno apontamento em prosa, datado de Outubro de 1915 e apenas publicado in *Ilustração Portuguesa*, nº513, de 20 de Dezembro de 1915 e que Sá-Carneiro intitulou “A Batalha de Marne: impressão de aniversário”. A *Ilustração Portuguesa* era uma publicação recente, o primeiro número havia saído em 1903, mas já granjeava uma grande respeitabilidade, colaborando nela todos os grandes e estabelecidos vultos literários de então. O próprio Sá-Carneiro já havia colaborado com ela duas vezes - uma em 1912, com a publicação de um excerto, de resto premonitório, de uma das novelas de *Princípio*, o seu primeiro livro.

**Figura 2: Artigo “A Batalha de Marne: impressão de aniversário”, in *Ilustração Portuguesa*, nº513, de 20 de Dezembro de 1915.**





Esta impressão de guerra é assim a última de três colaborações de Sá-Carneiro na *Ilustração Portuguesa*<sup>3</sup>. Neste momento, Sá-Carneiro já está em Paris desde Julho, e é aí que escreve o que testemunha, talvez no seguimento desse desejo de dar impressões de Paris durante a guerra, que transcrevemos atrás. Sai na edição especial de Natal, onde o tema da guerra é bastante premente, quer nas imagens, quer nos artigos. Curiosamente - e desnecessariamente lembramos que 1915 era igualmente o ano de *Orpheu* - a nota editorial que encabeça este número especial de Natal é da autoria de Júlio Dantas, o que suscita um mal-estar em Sá-Carneiro.

**Figura 3: Capa do número de *Ilustração Portuguesa* especial de Natal, 29 de Dezembro de 1915, nº513**



<sup>3</sup> As outras duas sendo: o conto “O sexto sentido”(publicado em *Ilustração Portuguesa*, de 2 de Setembro de 1912), bem como o poema ‘Rodopio’, do livro *Dispersão*, publicado em 29 de Dezembro de 1913, e que é comentado pelo próprio autor, meses antes, em carta a Fernando Pessoa, de 10 de Maio de 1913. (SÁ-CARNEIRO, 2015, 162).

Em carta de 29 de Outubro de 1915, a Pessoa, fala Sá-Carneiro desse artigo nos seguintes modos:

Eu não sei se terá aparecido na *Ilustração Portuguesa* uma ‘saloperie’ minha a acompanhar uns mamarrachos do pintor Ferreira Cardona, digo Ferreira da Costa. Você perdoe-me! Mas o homenzinho pediu-me muito, eu não gosto de negar - e depois se me dou com ele, é que se o seu atelier não é ultra-confortável e moderno como o do Manuel Lopes (da *Ressureição*), é em todo o caso vasto e quente. Mas há mais: o homem do *Orfeu* a assinar artigos na *Ilustração* ao lado do colega Dantas tem muito chiste, pois não tem? Será descer - mas é-o com pilhéria. E no escrito há no entretanto: “horas granates”, “legiões guturais”, “cristal e asas”, “timbrados a oiro”, vários itálicos psicológicos etc - embora a *ensemble* droguista, principalmente atendendo ao nome que a assina. Queira Deus no entanto - e anima-me muito essa esperança - que o escrito tenha sido interdito pelo António Maria de Freitas (como-que-director da *Ilustração Portuguesa*) devido ao nome indecoroso que o assinou. Oxalá. Mas no caso contrário você perdoa-me. Pois não é verdade que me perdoa? (Lembre-se que também tem culpas no cartório: *Eh! Real!*... por exemplo. (VASCONCELOS, 2015, 407-8)

Sá-Carneiro pretende assim provocar, com esta participação em *Ilustração Portuguesa*, ou pelo menos assim se desculpa a Pessoa, sabendo que o autor de *Mensagem* também colaborava com publicações periódicas conservadoras. Todos sabemos hoje que havia um grande desejo de chocar em Mário de Sá-Carneiro, que se acumulava e contrastava com o seu desejo de ser lido e comentado, e no fundo de ser aceite, sentimentos contraditórios que estão bem patentes em quase todas as cartas, cheias de ânsias *em ouro e em alma*, que trocou com Fernando Pessoa. Assim se percebe que desdenhe a sua contribuição para uma publicação institucional, ainda que o texto em causa, como não deixa de ser notado pelo próprio, não traia os princípios estéticos e o estilo de “um dos de Orpheu”.

Talvez valha a pena agora ler um pouco este artigo:

Ontem, apenas o combate, a vitória, o pasmo;  
mas já hoje subtilmente a memória do triunfo, erguida  
a oiro e sangue, a Cristal e Asas; monumento  
da lendária heroicidade digno do altar de pátria!

Ontem a batalha... hoje o aniversário! Como se volveu um ano!  
Silêncio à luz do crepúsculo...A terra não treme nest'Outono;  
dorme, dorme  
aconchegando os corpos que sobre ela tombaram exangues...E  
entre as flores,  
que nasceram depois da batalha, levantam-se as cruzes,  
afigurando-se o conjunto  
a uma aldeia de campos gentis, pequeninas, que não fazem medo  
às creanças [sic],  
cemitério embandeirado e coberto de grinaldas, porque a romaria  
das viúvas, das noivas  
e das mães trouxe agora, com as lágrimas, os presentes de anos  
aos seus mortos.  
Violetas precoces, trouxe esta irmã; lilazes, a noiva linda que tem  
Paris nos seus crepes;  
rosas brancas de luxo, aquela amante de teatro...

Como vemos, este seu texto é uma longa evocação dessa batalha, em pleno campo da vitória francesa, bem como das suas consequências em duas figuras-tipo, uma viúva e uma noiva, ambas sobre a sepultura dos mortos do Marne. Esteticamente, segue de perto o que já referimos nos artigos anteriores, havendo uma profunda comunhão entre o homem cronista e o homem poeta.

Portugal entra no conflito em Março de 1916, mas Mário de Sá-Carneiro não terá mais nada a dizer sobre isto: aprofundado na sua depressão, suicida-se em Paris mês e meio depois a 26 de Abril de 1916. As suas impressões nas publicações periódicas são valiosos testemunhos do seu tempo, uma extensão do seu discurso enquanto poeta. Com este pequeno apontamento cronológico esperamos ter não só celebrado a sua figura, como também demonstrado, indirectamente, e ainda se dúvidas houvesse, a importância que o suporte 'revista literária' tem na dinamização do próprio Modernismo, documento fidedigno de um tempo complexo e contraditório nas letras portuguesas.

## Referências

BARRETO, J. Fernando Pessoa - germanófilo ou aliadófilo? Um debate com João de Barros que não veio a público. *Pessoa Plural*. nº6. Outono 2014. p. 152-215. Disponível em: <https://www.brown.edu/Departments/>

Portuguese\_Brazilian\_Studies/ejph/pessoaplural/Issue6/PDF/I6A08.pdf.  
Acesso em: 10 Fevereiro de 2022.

CABRAL MARTINS, F. *Verso e Prosa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

GALHOZ, M. A. A poesia juvenil de Mário de Sá-Carneiro. *Jornal de Artes, Letras e Ideias*. Lisboa, nº410, 15 de Maio de 1990, p.12, 1990.

GALHOZ, M. A. Thanatos, Eros e Ícaro. As leis profundas (já) das primeiras narrativas ficcionais de Mário de Sá-Carneiro (textos de 1908 a 1912). *Colóquio/Letras*. Lisboa, n.º 117/118, Setembro 1990. p. 47-53, 1990.

SÁ-CARNEIRO, M. Paris e a guerra: a “Restauração” entrevista o escriptor Mario de Sá Carneiro, ha pouco chegado de Paris: as suas impressões sobre “a cidade” nos dias de mobilisação. *A Restauração*. Lisboa, nº78, 5 de Outubro de 1914. p. 1., 1914.

SÁ-CARNEIRO, M. *Em Ouro e Alma: correspondência com Fernando Pessoa*. Ed. Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta da China, 2015.

Data de submissão: 12/06/2022

Data de aprovação: 14/06/2022